



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REFLEXÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE

Marciele Stiegler Ribas (PUCPR)

Solange Toldo Soares (UFPR)

RESUMO

O estudo apresenta uma reflexão sobre a formação necessária para o professor atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de contribuições de formandas do curso de Pedagogia, estudantes e professores de EJA para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. Num primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a cerca do tema; após o levantamento bibliográfico que enfatizou a formação de professores e a prática pedagógica, foi realizada uma pesquisa de campo com aplicação de questionários abertos, o público alvo da pesquisa foram alunas formandas do curso de Pedagogia de uma Universidade privada, alunos e docentes de EJA do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos, ambos do município de Curitiba. Cada questionário foi apropriado à clientela a que se destinou e também envolveu perguntas pertinentes referentes à formação inicial do educador, à prática do professor e do aluno na EJA. Depois de coletar os questionários foi possível analisar os dados da pesquisa de acordo com a abordagem qualitativa. A análise dos dados trouxe uma rica contribuição sobre a concepção, atuação e formação docente para a EJA.

Palavras-chave: formação de professores, educação de jovens e adultos, prática docente.

Introdução

A prática educativa é acima de tudo um desafio, pois o educador consciente passa grande parte do seu tempo questionando-se, revendo conceitos, buscando dar o melhor a seus educandos. Por isso, o sonho e a utopia fazem parte desses docentes, e outros sentimentos como a esperança, que é uma arma importantíssima para a realização de certas aspirações. Para Paulo Freire (1997) é ingenuidade dar à esperança um poder absoluto de resolução de conceitos, concepções e conteúdo, no entanto, se aliadas a ela encontram-se o esforço, a capacidade, a persistência e humildade, o educador está no caminho certo.

Em relação à qualidade formal, em geral, o educador que trabalha com a educação de Jovens e Adultos não tem formação adequada para atuar nesta modalidade de ensino e não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores. Pelo contrário, muitas vezes tem sido relegada cada vez mais a deterioração, pois os educadores que atuam

na EJA estão ausentes de boa parte dos debates das políticas públicas centradas na questão das relações entre escola e sociedade (GATTI, 1997). Em termos de qualidade política, “a questão também é muito grave, porquanto, se a educação básica é instrumentação fundamental da cidadania, o professor não poderia ser agente dela, sem ser, ele mesmo cidadão” (DEMO, 1996, p. 87). E acrescenta “O professor deve ser imagem viva do aprender a aprender” (DEMO, 1996, p. 89). A alma de sua formação básica e permanente é aprender a aprender, isto é, aprender a pensar, aprender a fazer para aprender a ser professor. A reflexão é o conceito mais utilizado por investigadores para se referirem à formação de professores (NÓVOA, 1992).

Mas quais concepções sobre EJA os professores apresentam na formação inicial e na atuação profissional docente? Há divergências? E os alunos, quais concepções sobre EJA apresentam em sua atuação discente? Frente a esses questionamentos o objetivo geral da pesquisa é identificar contribuições de formandas do curso de Pedagogia, estudantes e professores de EJA para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente.

A partir da problemática e objetivo definiu-se a metodologia da pesquisa que partiu de estudo bibliográfico e de campo em um curso de Pedagogia de uma universidade privada, e em um Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos, ambas as instituições localizadas no município de Curitiba. Para a amostragem da pesquisa foram escolhidas alunas formandas do Curso de Pedagogia da referida universidade, os docentes de EJA e alunos de EJA do Centro Estadual de Educação Básica. A técnica utilizada foi questionário aberto. Cada questionário foi apropriado à clientela a que se destinou e abordou a temática sobre a formação do professor e a prática do educador e do aluno na EJA.

Depois de coletar as contribuições dos participantes por meio dos questionários, foi possível analisar os dados da pesquisa de acordo com a abordagem qualitativa, optou-se por esta abordagem pois, a flexibilidade constitui-se como marca no que se refere às técnicas de coleta de dados, bem como à sua interpretação, no entanto:

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. (MARTINS, 2004, p.292)

A partir da abordagem qualitativa estabeleceu-se os seguintes eixos de análise: concepções sobre EJA na formação inicial; concepções sobre EJA na atuação profissional docente; concepções sobre EJA na atuação discente.

Formação de professores e a prática pedagógica

O perfil dos professores se constitui ao longo de sua carreira e requer um acompanhamento a longo prazo. “Em termos de grupo, o perfil consubstancia-se historicamente na cultura profissional, como patrimônio que assegura a sobrevivência do grupo e permite a definição de estratégias identitárias adaptadas a cada realidade histórica social” (ESTRELA, 1997, p.47). Ser professor significa contribuir para a formação de cidadãos, portanto, o docente faz a diferença:

A figura do professor poderia simbolicamente ser comparada com a de um maestro criativo que exigiria dos componentes da orquestra: organização, iniciativa própria, envolvimento, dedicação e, principalmente, ações coletivas desencadeadas por processos participativos. Sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento (BEHRENS, 1996, p. 64).

Na história da educação brasileira, a Educação de Jovens e Adultos, como uma modalidade diferenciada, chama a atenção o seu caráter extensivo, por ser fora dos moldes tradicionais das escolas noturnas e, com relação ao aspecto da legislação não era algo sólido, não se configurava como um compromisso dos órgãos competentes (PAIVA, 1973).

As constantes transformações nas áreas econômica, política e social, tecnológica e cultural da sociedade atual, têm pressionado a escola a se adequar conforme as exigências do mundo do trabalho, influenciando a educação. Decorrentes a essas mudanças surgem novos desafios, no final do século XX, a escolarização passa a ser exigida no mundo do trabalho, assim aumenta a demanda da educação de jovens e adultos na sociedade. A Lei n. 9394/96 (BRASIL, 1996), em seu artigo 38, determina que, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e Médio, a idade seja, 15 e 18 anos. E de acordo com a Deliberação n. 088/00, do CEE-PR, o ingresso na EJA pode se dar aos 14 anos para o Ensino Fundamental e aos 17 para o Ensino Médio. Esta faixa etária exige várias alterações frente a essas mudanças, passa a exigir também um ensino voltado para o campo da pesquisa e ao trabalho criativo.

Com relação à qualidade da formação para atuação na EJA, o que ocorre é uma crescente descaracterização dos cursos de formação, juntamente a falta de livros escritos que

propicie apoio a essa formação, a pouca contribuição das universidades, ao desprezo das questões de ensino e a formação para o trabalho docente. São muitos os desafios o que torna a prática de ensinar cada vez mais complexa (GATTI, 1997, p. 21). Segundo Ens (2006):

Para superar uma formação fragmentada, tanto a instituição formadora de professores como os formadores e os futuros professores, precisam assumir que na 'sociedade globalizada' se convive, simultaneamente, com a inovação e a incerteza. Por isso, a educação dos seres humanos se torna mais complexa, e a formação do professor, também, passa a assumir essa complexidade. Para superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, teoria e prática, e possibilitar a construção de uma práxis dinamizada pela iniciativa, pelo envolvimento do futuro professor em projetos educativos próprios e fundamentados, torna-se necessário reconhecer tal complexidade (2006, p.12-13).

A concepção moderna do educador exige uma sólida formação científica, técnica e política, claro que, atrelada a uma prática pedagógica crítica e consciente para avaliar a atual condição da educação.

Enquanto seres humanos conscientes, podemos descobrir como somos condicionados pela ideologia dominante. Podemos distanciar-nos da nossa época. Podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres! É por isso que podemos pensar na transformação. (FREIRE E SHOR, 1986, p. 58).

A visão pedagógica da formação docente envolve autores com diferentes comentários. Gallo (1996, p. 38) afirma que a grandeza da educação está no fato de ser uma área aberta que significa uma nova concepção filosófica de educação, que já não se restringe à formalidade do espaço escolar. Por considerar a formação dos professores como algo de fundamental importância Mialaret (1991, p. 96) alerta para o fato de que não se deve processar uma formação idêntica de todos os alunos educadores, para os levar a ser exemplares do mesmo modelo, mas proporcionar-lhes condições de serem bons educadores, em função de suas qualidades.

Zeichner (1993, p. 62-63) acrescenta a necessidade de que os candidatos a professor não acabem por incorporar novas informações ou experiências a velhas estruturas. Por isso, afirmam Rodrigues e Esteves (1993, p. 41), deve-se preparar o professor para a investigação científica e reflexiva na condução e avaliação de sua própria prática e dos meios para teorizar a experiência adquirida, evitando defeitos de uma formação modelizante. Afirma Novoa (1992, p. 54) que a formação de professores não é um conceito unívoco, por isso deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente.

Ser professor, hoje, é ser um profissional competente, para levar o aluno a aprender, é participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço (ENS, 2006, p. 19).

Dessa forma, faz-se necessário uma qualificação dos profissionais envolvidos neste processo, é fundamental que a equipe docente esteja bem preparada, por este motivo é extremamente importante uma formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo.

A formação continuada pode ser caracterizada como uma tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias. "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1997, 58). Para o autor, formação permanente é uma conquista da maturidade, da consciência do ser. Quando a reflexão permear a prática, docente e de vida, a formação continuada será exigência para fazer do homem atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade.

Caminhada na pesquisa: coleta e análise das contribuições dos estudantes universitários do curso de pedagogia

A pesquisa de campo realizada com formandas do curso de Pedagogia, professores e alunos de EJA enfatizou o eixo concepções sobre EJA na formação inicial;

Para melhor compreensão da pesquisa e também para salvaguardar o anonimato dos participantes envolvidos, ao discorrer sobre o primeiro questionário que destinou-se à alunas formandas do curso de Pedagogia de uma Universidade Privada, este grupo foi codificado como E. U (estudante universitário).

Este primeiro instrumento de coleta de dados obteve uma amostra de dez alunas universitárias do 8º período, contendo quatro questões abertas, a saber: 1) Qual a sua concepção a respeito da EJA e da docência na mesma? 2) Já atua ou gostaria de atuar como professora na EJA? Se sente preparada para esta prática? 3) Se já atua ou fosse atuar na EJA, que abordagem/ tendência você utiliza ou utilizaria na sua prática em sala de aula? 4) Você considera a formação do professor relevante para a prática na educação de jovens e adultos?

Com relação à primeira questão, pode-se perceber que as alunas universitárias acordaram apresentando de modo geral a mesma concepção a respeito da EJA e da docência

na mesma, compreendendo a EJA como uma modalidade de ensino que busca desenvolver o processo de aprendizagem sistematizada com pessoas que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos na idade correta. Mas, o que chama atenção nos seus depoimentos foi a forma com que se referiram a realidade existente nas escolas de EJA, demonstrando assim, uma consciência crítica, que ficou evidente nas falas de algumas alunas, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Concepções sobre EJA na formação inicial

Pergunta	Respostas relevantes
Qual a sua concepção a respeito da EJA e da docência na mesma?	Acredito na EJA, mas muitas vezes a formação dos professores e a conduta da escola não condiz para promover a qualidade de ensino. Falta investimento do governo na formação e contribuição de recursos. (E.U 1).
	(...) penso que primeiro os professores deveriam passar por uma capacitação para atender a esses alunos, pois se nas crianças e adolescentes encontramos dificuldades de aprendizagem, essas pessoas com toda uma trajetória de vida vão apresentá-las mais ainda. É preciso que estes docentes estejam atentos a essas diferenças existentes. (E.U 4).
	Acredito que a EJA veio para ajudar as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, mas por outro lado, acho que as mesmas precisam de pessoas responsáveis e bem preparadas para atuarem com elas. (E.U 2).
	O docente da EJA deve saber trabalhar tudo relacionado à vida do aluno, ensino contextualizado, se não o mesmo não terá viabilidade. (E.U 5).
	Atuei na EJA somente pelo estágio obrigatório da Universidade, achei muito interessante e significativo esse trabalho. Só acho que o material didático deveria ser mais elaborado, pois segundo as professoras da escola onde atuei, os alunos principalmente da 1º série não conseguem acompanhar o livro e este acaba ficando no armário. (E.U 8).
	Deveria haver mais atenção para com os alunos, sendo assim o trabalho ficaria mais interessante. (E.U 3).

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de pesquisa.

São vários os autores que se referem à importância da criticidade na educação, pois a prática educativa é acima de tudo um desafio, onde é preciso estar todo o tempo se questionando, revendo conceitos, vencendo preconceitos, quebrando paradigmas. Ou seja, fazendo constantemente o que Freire chama de leitura de mundo que precede à leitura da palavra, para o autor só descobrimos o mundo quando nos descobrimos no mundo.

Ao refletir sobre a formação do docente para atuar na Educação de Jovens e Adultos, é importante pensar que este docente está inserido em uma realidade específica, onde os educandos trazem consigo contribuições de suas experiências que devem auxiliar e facilitar o trabalho do educador. Segundo BANNEL (2001, p.122) “cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos, etc., uma diversidade que está refletida na sala de aula”. Assim, a diversidade, a realidade desses educandos, deve também, nortear a prática do professor.

Em relação à segunda questão, referente a atuação como docente na EJA, nenhuma das dez participantes da pesquisa atua na EJA, porém algumas manifestam a vontade de futuramente atuar e quanto ao sentir-se preparada para trabalhar dentro desta modalidade de ensino, a maioria diz não estar preparada e demonstram certo receio com a prática:

Tabela 2 – Atuação inicial na EJA

Pergunta	Respostas relevantes
Já atua ou gostaria de atuar como professora na EJA? Se sente preparada para esta prática?	Fiz estágio durante dois meses pela PUC com uma turma de EJA, foi uma experiência muito satisfatória, mas não gostaria de atuar nessa área e com certeza não estou preparada para isso” (E.U 4).
	Não atuo e não me sinto preparada para a função. (E.U 2).
	Não atuo, mas tive a oportunidade de estagiar em um programa que trabalha com a EJA, gostaria sim de atuar como professora, quanto a preparação além da teoria que é de extrema importância e muitas vezes quando em sala na EJA parece não servir de nada, pois a realidade de trabalho com eles é bem diversificada então não daria pra dizer que estamos preparadas. (E.U 6)
	Nunca atuei com a EJA, mas já participei de algumas aulas com estágio. Devido esta experiência creio que minha formação não dá conta de preparar para tal, mas possui uma base muito rica, porém seria necessário mais. (E.U 7).
	Nunca atuei como professora da EJA, confesso que sinto receio, por serem pessoas que possuem mais vivência do que eu. Mas mesmo assim, digo que me sinto preparada, pois seria mais um aprendizado e grandes trocas de conhecimentos. (E.U 5).
	Gostaria de atuar se houvesse oportunidade. Me sinto preparada sim. (E.U 8).

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de pesquisa.

Diante destes depoimentos, é possível perceber certa insegurança das alunas em trabalhar com a EJA. . Freire (1997) alega que quando conhecemos o conhecimento, este provém do ensino, do aprendizado com a docência. Mas para produzirmos o conhecimento,

este virá à tona através da pesquisa, da curiosidade, de se informar, de ir atrás do desconhecido, de indagar e diligentemente empregar meios para chegar ao conhecimento da verdade. “(...) toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência” (FREIRE, 1997, p. 192).

Por meio dos depoimentos foi possível perceber que a maioria diz não estar preparada, porém dois relatos, E.U 5 e 8 demonstram o contrário, confessam ter receio, mas se sentem preparadas para atuar na EJA.

A ousadia é uma característica importante para um professor, talvez ele sempre busque novos conhecimentos, mas mesmo assim, não se sinta totalmente preparado. Freire chama isso de consciência do inacabamento:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado (1997, p.53).

Na terceira questão, quando questionadas a respeito da abordagem/ tendência que utilizariam em sua prática se fossem atuar na EJA, todas apresentaram opiniões muito parecidas, buscando valorizar a experiência do aluno, partindo de uma aprendizagem significativa voltada para o seu próprio contexto, como pode ser visualizado na tabela abaixo:

Tabela 3 – Tendências pedagógicas e EJA

Perguntas	Respostas relevantes
3) Se já atua ou fosse atuar na EJA, que abordagem/ tendência você utiliza ou utilizaria na sua prática em sala de aula?	<p>Utilizaria uma abordagem que oportunizasse a interação entre o conhecimento sistematizado e a experiência do educando, fazendo com que o processo de construção do conhecimento seja significativo ao indivíduo. (E.U 7).</p> <p>O ensino para esses alunos precisa ser diferenciado, precisa-se partir da realidade que eles vivem, de sua história e necessidades. (E.U 4).</p> <p>Procuraria trabalhar partindo da realidade do aluno valorizando o que ele sabe e ajudando a transformar esse conhecimento. (E.U 6).</p> <p>(...) Quando entramos em um estabelecimento de ensino, precisamos seguir a linha/ concepção que este adota, é complicado colocar nossa vontade. Mas se fosse possível optar, escolheria o paradigma holístico. (E.U 5).</p>
4) Você considera a formação do professor (a) relevante para a prática da educação de Jovens e Adultos?	<p>A formação do professor é de extrema importância para atuação com jovens e adultos, os mesmos precisam muito de pessoas altamente preparadas. (E.U 2).</p> <p>É de suma importância, pois alunos do EJA têm a experiência e vivência de muitas situações que é explicada em sala. Portanto, o professor tem que ter mais preparo, mais ‘bagagem’ na sua formação. (E.U 1).</p> <p>Com certeza, a formação é importante para todo educador, independente do público que irá trabalhar: infantil, fundamental, médio, profissionalizante e EJA. (E.U 5).</p>

	A formação é essencial na vida de qualquer professor e não dá para desconsiderar sua prática na EJA, pois a qualidade da educação também passa pela EJA, (E.U 6).
	A formação do docente em geral não dá conta de todas as modalidades de ensino, mas prepara e instiga o profissional a buscar mais conhecimentos que ampliem e enriqueçam sua prática docente. (E.U7)
	Não, a atuação não é a mesma, são situações diferentes, alunos com idades diferentes e com necessidades diferentes, que precisam ser respeitadas e atendidas por este profissional. É preciso ter um ensino voltado para a realidade de cada um, (...) em diversas áreas a formação que o professor tem deixa a desejar, não atende a essas exigências. (E.U 4).

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de pesquisa.

É fundamental ressaltar que na maioria dos depoimentos as estudantes evidenciam a importância de trabalhar partindo da realidade, saberes e cultura do educando, neste sentido Freire propõe:

(...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1997, p.30).

A questão quatro trata da formação do professor para atuar na EJA e como destacado na Tabela 3, a maioria das alunas disseram que sim, afirmando que a formação para trabalhar nesta modalidade de ensino é muito importante, pois, quanto mais complexa é uma profissão mais ela implica e exige uma formação profissional continuada.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, que ser professor é fácil e qualquer um pode fazer, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, sustentamos que esta profissão é altamente complexa e especializada, não só quanto ao seu saber profissional específico e à forma como é avaliada no seu processo de formação (ESTRELA, p. 29, 1997).

Nos depoimentos acima descritos pode-se perceber que as alunas universitárias consideram a formação do professor relevante para atuar na EJA, porém dois chamam muito atenção, justamente por serem contrários aos demais, E.U7 e 4 (vide tabela 3).

De fato, o ideal seria que o professor tivesse uma formação que abrangesse todas as áreas de atuação, mas, por melhor que seja a universidade, seria utopia pensar que ao concluir a graduação o professor estaria pronto, pois, cabe ao docente seguir o que propõe Freire, ter consciência do inacabamento.

Contribuições dos professores do centro estadual de educação básica para jovens e adultos

Reconhecendo a importância e a contribuição do professor para a educação, o segundo instrumento de coleta de dados da pesquisa destinou-se a docentes de EJA do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos. Por meio do questionário buscou-se identificar as concepções de EJA na prática do professor nesta modalidade de ensino. Foram aplicados dez questionários, ao apresentar as contribuições destes professores, para salvaguardar o anonimato dos participantes serão denominados como (P).

Com relação à primeira questão que trata da valorização do profissional de EJA, a maioria dos professores dizem que se sentem valorizados por trabalhar com esta modalidade de ensino, é possível identificar este posicionamento em algumas falas, conforme Tabela 4.

Tabela 4 – Valorização do profissional de EJA

Perguntas	Respostas relevantes
Você se sente valorizado por trabalhar com esta modalidade de ensino?	Sim, porque o aluno da EJA em geral é mais colaborativo e participativo. (P.1)
	Apesar da dificuldade de aprendizagem de certos alunos é compensador, pois eles buscam no professor uma pessoa com quem eles possam contar. Você torna-se amigo e a cooperação é mútua, pois eles necessitam do estudo para seu presente” (P.2).
	É muito bom o trabalho com a EJA porque os alunos demonstram muito interesse em aprender e recuperar o tempo perdido” (P. 4).
	Nossos alunos são interessados e comprometidos com o ensino-aprendizagem, também pode-se observar o crescimento destes como cidadãos” (P. 6).
	Apesar de alguns alunos apresentarem mais dificuldades em relação à apreensão de certos conteúdos (principalmente de cálculos e interpretação) estes alunos de EJA são mais atenciosos e respeitam bastante o professor, valorizando muito o nosso trabalho, em relação aos alunos do regular. (P.3).
	Não me sinto valorizado perante as instituições governamentais, com isto até a sociedade não valoriza, o ensino está abandonado é preciso trabalhar a valorização do professor desde a primeira série. (P.10).
O trabalho desenvolvido de maneira geral na escola corresponde à concepção que você tem de educação? Por quê?	Sim, principalmente de educação inclusiva. Temos alunos com diferentes potencialidades, conhecimentos, e idade. A educação frente a suprir a necessidade de todos de uma maneira geral, procurando sempre incentivar a ajuda mútua. (P.8).
	Sim, porque há uma preocupação com a formação do educando e de ajudar o aluno a obter e construir o conhecimento científico. (P. 4).
	Sim, porque educação tem um sentido amplo e o aluno traz suas experiências e enriquece seus conhecimentos nas aulas. Ele interage com ‘outro’ e aprende a aprender. (P.6).
	Sim, pois a educação não é apenas dar conteúdo aleatoriamente, mas sim é a contextualização da realidade e o resgate da cidadania como um todo. (P.9).
Você considera a necessidade de mudar sua prática para alcançar melhores resultados no processo de ensino aprendizagem?	Não, creio que agora que aumentou a carga horária está bem melhor de trabalhar os conteúdos, e a abordagem utilizada está dando certo. (P.5).
	Sim, pois tudo precisa de mudança, visto que há uma grande mudança no mundo e a educação por si só não pode ser estanque, parando no tempo. (P.9).
	Como trabalhamos com EJA é necessário que a abordagem dos conteúdos seja dinâmica, voltada mais para o cotidiano (situações reais para o fácil entendimento). (P.8).
	Mais humanização no ensino de EJA, relacionar com o aluno procurando interagir mais. Considerá-lo com igualdade, ajudá-lo a terminar os estudos motivando-o. (P.10).

Justifique.	É necessário ousar, isto é, vencer o tradicional e inovar. Procurar ressaltar na prática da aula o cotidiano do aluno. (P.6).
Na sua opinião, em geral as pessoas na escola, têm uma predisposição para a mudança quando percebem sua necessidade? Justifique.	Em geral, há a predisposição para a mudança e tem casos isolados de muita resistência em entender a EJA como uma escola inclusiva que possibilita o acesso à todos. (P.8). Sim, é uma escola aberta às mudanças, graças a liderança da diretora atual, que pela experiência e conhecimentos com EJA, tem inovado e transformado muitas ações em exemplo para o Paraná. (P.4). Sim, normalmente os professores trocam experiências visando melhorar a sua ‘práxis’ diária. Exemplo: foi realizada a feira do conhecimento e todos se envolveram, o resultado foi positivo. (P.6)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de pesquisa.

Em geral, a maioria, nove dentre os dez participantes da pesquisa deixaram claro que se sentem valorizados por trabalhar com a EJA, mas é possível observar que esta valorização advém dos alunos. Pensando sobre a ótica das instituições governamentais, segundo depoimento do (P.10), o profissional de EJA não é valorizado. A reflexão deste educador é significativa no sentido de que o Estado tem faltado com suas responsabilidades quanto a suprir as necessidades das instituições escolares. O educador não pode se deixar levar pelo discurso neoliberal onde o sucesso e o fracasso são culpa da própria pessoa e não da organização social, ele precisa manter uma posição crítica, levando o aluno na sua prática a se desvincular do discurso de autonegação, considerando os “saberes de experiência feito” dos educandos, partindo dele para “superá-lo e não ficar nele” (FREIRE, 1997, p.71).

Na segunda questão os professores relataram sobre o trabalho desenvolvido na escola e a sua concepção de educação. A maioria dos professores consideram que a sua concepção de educação corresponde ao trabalho desenvolvido na escola. De acordo com os relatos descritos na tabela 4, foi possível perceber que estes professores caracterizam a educação como uma ação transformadora, que leva a pensar criticamente o mundo. Para entender a função da educação é necessário ter bem definido, que esta é um processo histórico-cultural, que proporcionará condições intelectuais, da difusão do saber científico, que insira o indivíduo num contexto crítico, analítico, de compreensões, reflexões, tudo isso à luz do conhecimento.

Percebe-se que a sociedade sofre constantes mudanças que acabam refletindo na educação. Sendo assim, a terceira questão trata de mudanças. Ao analisar o depoimento dos professores, a maioria considera a necessidade de mudanças, apenas um relata que não há necessidade até o momento de mudar: “Não, creio que agora que aumentou a carga horária está bem melhor de trabalhar os conteúdos, e a abordagem utilizada está dando certo” (P.5). Em contrapartida, o restante dos participantes manifestaram a necessidade de mudanças,

considerando-as importante para o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, conforme Tabela 4.

Para mudar é preciso ter autonomia e ousadia, o que muitas vezes falta para os profissionais da educação:

Faz parte do pensar tradicional que a qualificação dos profissionais se coloque como um pré-requisito e uma pré-condição à implantação de mudanças na escola. Daí a pergunta que sempre nos é feita: quanto tempo demoramos na preparação para a intervenção? Faz parte de nossa tradição. Se pretendemos introduzir uma nova prática, nova metodologia, um novo currículo ou uma nova organização escolar, a primeira questão a colocarmos seria quem vai dar conta das inovações e como preparar, capacitar os professores para as novas tarefas (ARROYO, 1999, p. 145).

Em relação à quarta questão que está relacionada com a terceira, grande parte dos professores afirmou que em geral, as pessoas da escola têm sim uma predisposição para a mudança.

Contribuições dos alunos do centro estadual de educação básica para jovens e adultos

Com o intuito de levantar as contribuições dos alunos de EJA sobre a formação do professor para atuar na EJA, foi elaborado um terceiro instrumento de coleta de dados, aplicado no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos, o questionário foi aplicado para dez alunos de diferentes turmas e faixa etária, denominados como A (aluno).

A primeira questão se referiu à opção pela EJA, por que estes alunos optaram pela EJA? A maioria, apesar de ainda jovens, optaram pela EJA por causa do tempo, por ter uma carga horária menor que a do ensino regular. Outros relataram a necessidade de estudar para conseguir inserção no mercado de trabalho, conforme observa-se na tabela a seguir:

Tabela 5 – Concepções dos alunos sobre EJA

Perguntas	Respostas relevantes
Por que você optou pela EJA?	Porque é mais rápido, pra gente que trabalha o dia todo é melhor. (A.1)
	Porque é um método prático e rápido, não é porque é rápido que não seja eficiente. (A.2)
	Menor tempo maior flexibilidade e aproveitamento. (A.8).
	Pelo motivo de que nos dias atuais sem um bom conhecimento e aperfeiçoamento nos estudos está difícil como achar um bom emprego. Parei a muito tempo meus estudos, hoje estou na reta final e não vou parar mais. (A.5).
	Para ter melhor conhecimento e oportunidade de emprego. (A.4).

Você gosta de seus professores e da escola atual?	Sim gosto, ajudam bastante, existe dedicação e incentivo tanto dos professores como coordenadores. (A.5).
	Gosto e também gosto da escola, mas a estrutura física deixa a desejar. (A.8).
Que tipo de professor você gostaria de ter?	Gostaria que o professor mostrasse mais a realidade, a matéria como ela é, e que ele seja mais companheiro dos alunos. (A.2).
	Um professor mais dinâmico, que faça a classe se movimentar mais. (A.5).
	Um professor que esteja disposto a ajudar o aluno. (A.8).

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de pesquisa.

A segunda questão trata da relação professor-aluno, aluno-escola, questionou-se: Você gosta de seus professores e da escola atual? Este relato foi unânime, todos os alunos disseram que gostam dos professores e da escola.

Com relação ao depoimento de (A8), por meio das observações feitas na escola durante a pesquisa, foi possível perceber que a estrutura física é bastante precária, as salas de aula são pequenas, sem ventilação, são muito próximas uma das outras o que dificulta a concentração dos alunos, o espaço físico está muito danificado.

Na terceira questão, os alunos expressaram o tipo de professor que gostariam de ter, a maioria mostrou-se satisfeita com os professores atuais e elogiaram o trabalho por eles desenvolvido, mas alguns demonstraram outras opiniões, conforme apresentado na Tabela 5.

Quanto à última questão que tratava da metodologia utilizada em sala de aula pelo professor, a maioria reivindicou uma maior aproximação do conteúdo com a realidade da turma.

O cenário para uma aprendizagem seria eficaz se, partindo do contexto existencial, não fosse apenas uma repetição sobre o vazio, mas que fosse uma rica exposição de idéias sobre o seu mundo e sobre a sua ação nesse mundo capaz de transformá-lo com seu trabalho, o aluno aprenderia melhor, pois o conteúdo teria significado. Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade.

Considerações finais

A educação de jovens e adultos encontra-se diante de antigos e novos desafios para melhorar a sua qualidade como um todo, dentro desses desafios, está a formação de professores para atuar nesta modalidade de ensino. Apesar de existir uma preocupação desde

o início do século XX com a erradicação do analfabetismo no país, ainda existe uma grande parcela da população brasileira que é analfabeta e em decorrência disso acabam sendo excluídas da sociedade.

A EJA enquanto modalidade educacional que atende alunos-trabalhadores deve ter por finalidade o compromisso com a formação humana e com acesso a cultura geral. Nesse sentido passa a propiciar ao educando o desenvolvimento da sua autonomia intelectual e moral. Tendo em vista este papel, a educação deve investir em uma formação que possibilite ao indivíduo aprender criticamente participando do trabalho e da vida coletiva, acompanhando a dinamicidade das mudanças sociais, partindo da utilização metodológica adequada de conhecimentos científicos tecnológicos e sócio-histórico.

O grande desafio de ser professor consiste em buscar o conhecimento inovando sua prática, se capacitando para atender as demandas da realidade na qual educador e educando estão inseridos. É necessário que o professor não se restrinja apenas a sala de aula, mas perceba que ele é parte integrante e responsável da escola e, porque não, da própria sociedade.

A escola, os professores, os estudantes universitários de Pedagogia, os educandos, os intelectuais de educação, o governo, a sociedade civil como um todo, devem refletir sobre a formação de professores para atuar na educação básica, na modalidade EJA, repensando políticas e práticas encontrando caminhos para melhorar e propiciar uma educação de qualidade para garantir o acesso a todos, sem distinção. É fundamental buscar uma formação de professores adequada a estes educandos, que trazem consigo uma rica experiência, que já têm uma história, uma cultura, um longo caminho percorrido. Todos os cidadãos têm direito a uma educação que não se limite apenas ao ensinar ler e escrever, mas sim, uma educação que propicie autonomia, capacitando seus alunos a participar de maneira crítica na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. **Educação e Sociedade**. Campinas: CEDES, 1999.

BANNEL, R. Ings. **formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico**, In. Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense nº. 4 Niteroi, Set. 2001.

BEHRENS, M. A. **Formação continuada de professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Lei nº 9394/96. LDB – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.

DEMO, P. **Questões para a teleeducação**. Brasília: UNB, 1996.

ENS, R. T. **Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia**. 2006, 138f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente**. Lisboa: Porto, 1997.

FAVERO, M. L. *Produção e apropriação do conhecimento da universidade*, In: MOREIRA, Antonio (org), **Conhecimento educacional e formação do professor**. Campinas: Papirus, 1994.

FÓRUM PARANAENSE. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96**. Curitiba, 1997.

FREIRE, P. e SHOR, I. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1995. _____. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GALLO, S. A filosofia e a formação do educador: os desafios da modernidade. In: BIDUCO, M Aparecida Viggiani, SILVA JUNIOR, Celestino Alves da Silva. **Formação do Educador**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

GATTI, B. **A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem crítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria prática**. 3 ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MARTINS, H. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.30, n2, p.289-300, 2004.

MIALIARET, G. **A formação de professores**. Coimbra: Almeida, 1991.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. Lisboa: Porto, 1992.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973, p.57.

PINTO, A. V. Conceito de educação, forma e conteúdo da educação e as concepções ingênua e crítica da educação. In: **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1994.

RODRIGUES, A; ESTEVES, M. **A análise de necessidades na formação de professores.** Lisboa: Porto, 1993.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas.** Lisboa: Educa, 1993.